



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

### NARRATIVAS DE MULHERES ESCRITORAS E SUA RELAÇÃO COM A ESCRITA LITERÁRIA

*NARRATIVES BY WOMEN WRITERS AND THEIR RELATIONSHIP TO  
LITERARY WRITING*

Isadora Ferrazza Dal-Ross<sup>1</sup>

Andrea Fricke Duarte<sup>2</sup>

**Resumo:** Inserido na educação das mulheres, o processo histórico de repressão intelectual e sexual produziu modos específicos de leitura do mundo, e consequentemente de sua escrita. O desejo crescia em direção à palavra, no sentido de afirmar seu direito de acesso ao conhecimento e à escrita, a fim de buscar uma outra posição subjetiva. O presente trabalho busca explorar estas relações, tendo como tema a escrita e a subjetividade, através das narrativas de mulheres escritoras sobre a escrita literária e a sua relação com ela. O método utilizado é a abordagem qualitativa, sendo a sua classificação quanto aos objetivos descriptiva-exploratória e o delineamento se dá através de estudo de caso. O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma entrevista semiestruturada com doze questões, dirigidas a duas mulheres escritoras e examinadas através da análise de conteúdos. A fantasia inconsciente, presente na ficção e na escrita literária, surge como elaboração para trabalhar de forma consciente com a palavra. Ao conferir a possibilidade de desejar, as escritoras podem mudar de posição na criação de sua vida escrita. Os resultados compreendem o encontro com a literatura e a escrita, bem como o processo de criação artística de cada escritora. Evidenciam-se as funções e o papel que a escrita desempenha para elas, de modo a compreender o processo de elaboração psíquica através da escrita, além da legitimidade das autorias como um trabalho e a necessidade de valorização do mesmo. Por fim, discute questões de gênero presentes na literatura, além do desejo de visibilidade das escritoras. Ressalta-se que não existe uma escrita feminina, mas sim subjetividades femininas, construídas a partir de construções discursivas, sociais e culturais, que definem o gênero feminino e agem diretamente na vivência das mulheres.

**Palavras-chave:** Escrita. Subjetividade. Escrita literária. Literatura.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Santo Ângelo. E-mail: isadorafdal-ross@aluno.santoangelo.uri.br

<sup>2</sup> Professora-Orientadora. Doutora em Psicologia Social pelo PPG Psicologia Social – UFRGS. Docente do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, campus de Santo Ângelo. E-mail: andreaduarte@san.uri.br



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

**Abstract:** Embedded in women's education, the historical process of intellectual and sexual repression produced specific ways of reading the world, and consequently of writing. The desire grew towards the word, in the sense of asserting their right to access knowledge and writing, in order to seek another subjective position. This work seeks to explore these relationships, focusing on writing and subjectivity, through the narratives of women writers about literary writing and their relationship with it. The method used is a qualitative approach, classified as descriptive-exploratory in terms of objectives, and the design is based on a case study. The data collection instrument used was a semi-structured interview with twelve questions, directed to two women writers and examined through content analysis. The unconscious fantasy, present in fiction and literary writing, emerges as an elaboration to work consciously with the word. By allowing the possibility of desiring, the writers can change their position in the creation of their written life. The results encompass the encounter with literature and writing, as well as the artistic creation process of each writer. The functions and role that writing plays for women are highlighted, in order to understand the process of psychic elaboration through writing, as well as the legitimacy of authorship as work and the need to value it. Finally, gender issues present in literature are discussed, in addition to the desire for visibility of women writers. It is emphasized that there is no single feminine writing style, but rather feminine subjectivities, constructed from discursive, social, and cultural constructions that define the female gender and act directly on women's experiences.

**Keywords:** Writing. Subjectivity. Literary writing. Literature.

## INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres foram silenciadas na cultura a partir de um processo de repressão intelectual e sexual, inserindo-as num lugar social que Simone de Beauvoir<sup>3</sup> nomeou de segundo sexo. Este lugar secundário teve sua educação incentivada tardeamente, sendo a escrita considerada uma ocupação masculina. Nesse sentido, a educação das mulheres produziu modos específicos de leitura do mundo, e consequentemente de sua escrita. De acordo com Maria Celeste Arantes Corrêa<sup>4</sup>, os objetos de leitura fortemente demarcados como leitura para mulheres contribuíram para firmar preconceitos dominantes sobre o caráter e o papel do feminino. Assim, a educação era projetada em espaços limitantes e de proibição da sexualidade, ressaltando a sublimação feminina e as interpondendo às restrições de enfoque cultural.

<sup>3</sup> DE BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. [1949].

<sup>4</sup> CORRÊA, Maria Celeste Arantes. *A leitura e a escrita no silêncio das mulheres: uma intersecção entre psicanálise e cultura*. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

O desejo crescia em direção à palavra, no sentido de afirmar seu direito de acesso ao conhecimento e à escrita, a fim de reformular a linguagem e buscar uma outra posição. As mulheres que historicamente rejeitaram essa limitação fizeram-na pelas margens do processo. Em seu artigo “Mulheres e ficção”, Virginia Woolf<sup>5</sup> reflete o ato de escrever através do olhar das mulheres. Na Inglaterra do século XVI, período em que as atividades dos poetas estavam em seu auge, as mulheres permaneceram mudas. A forte repressão das leis e costumes inseriram as mulheres em lugares subalternos dentro de seus domicílios. A elas era colocada a tarefa de cuidado da família, o que acarretava a falta de tempo para destinar à escrita, bem como o pouco incentivo para escrever. No entanto, a partir do século XIX as mulheres tomam voz e passam a escrever com frequência, fazendo surgir grandes romances de sucesso na literatura.

Em contrapartida, a escrita contemporânea vai ao encontro do desejo que sobrevém, a liberdade para expressar e escrever sobre ele. Desse modo, a pesquisa teve como objetivo geral explorar as narrativas de mulheres escritoras sobre a escrita literária e a sua relação com ela, a partir de abordagem qualitativa. Sua classificação quanto aos objetivos é descritiva-exploratória, e o delineamento se dá através de estudo de caso. A população da refere-se a mulheres escritoras maiores de dezoito anos de idade, tendo na amostra um total de duas escritoras, ou seja, mulheres que possuem produções escritas, sendo que nos critérios de inclusão está a publicação de pelo menos um livro de gênero literário.

A forma de acesso à seleção da amostra se deu através da acessibilidade, e o instrumento de coleta de dados foi a partir de uma entrevista semiestruturada com doze questões. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da universidade, e aprovada por parecer consubstanciado de número 7.339.106. A participação contou com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo o sigilo dos dados às entrevistadas. A entrevista foi realizada por meio de um encontro online com cada voluntária, através do Google Meet. Foi feita a gravação da entrevista, os áudios foram transcritos e posteriormente descartados. Por fim, a análise de dados é de natureza predominantemente qualitativa, através da análise de conteúdo. A partir destes elementos foi possível refletir e explorar os temas relacionados à escrita e subjetividade.

<sup>5</sup> WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2019. [1929].





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo contou com a participação de duas mulheres escritoras, residentes de diferentes regiões do Estado do Rio Grande do Sul, sendo a identidade das mesmas protegida pelos padrões profissionais de sigilo, portanto, nomes e materiais que identificam suas participações não foram expostos. Optou-se por utilizar nomes fictícios para se referir às voluntárias, sendo a primeira delas a participante Lírio e a segunda a participante Íris.

Lírio é psicóloga e artista visual, doutoranda e mestre em Psicologia Social e Institucional, além de ser mestre em Escrita Criativa – Letras. Possui três livros publicados, sendo estes livros de poemas. Íris é professora de literatura, graduada em Letras/Português, doutoranda e mestre em Letras – Estudos Literários. Publicou dois livros, sendo estes do gênero poesia. A análise de dados foi organizada de modo a compreender cinco categorias, discutidas a seguir.

#### ***O despertar da escrita: encontro com a literatura***

Essa categoria explora a construção subjetiva das participantes com a escrita literária, de modo a traçar o encontro e seus percursos com a escrita literária. A participante Lírio relata escrever desde a infância: “Tinha um livrinho, assim, na casa da minha avó. [...] Tinha uma tonalidade um tanto bíblica [...] esse conteúdo mais versificado [...] Eram propriamente poéticos [...] E eu era muito encantada, assim, por esses livrinhos. [...] E aí, nisso, eu fiquei inspirada.” Essa inspiração cruzou com o seu período escolar, no colégio em que estudava havia uma agenda anual, e os alunos eram convidados a escrever frases e recados para publicar na agenda. Lírio escreveu uma frase para publicação, e descreve este como o momento pelo qual passou a “conversar com o mundo”, ou seja, escrever não somente para si. Ela cita ter em torno de 7 e 8 anos. Com essa mesma idade, escreveu uma carta poética para seu professor que iria sair do colégio, como forma de homenagem.

Por sua vez, Íris relata ter iniciado a escrita no período na adolescência: “Quando eu tinha 16 anos, eu fiz uma oficina [...] Essas oficinas, que duram um ano, e depois se publica um livro [...]. Eu sempre gostei de ler e senti vontade de escrever, pedi pra minha família pra eles me colocarem nessa oficina [...] E daí, ali, eu comecei a escrever.” Nota-se como o

163

26 A 29 DE AGOSTO DE 2025

Local: Faculdades EST  
São Leopoldo/RS – Brasil



Realização:



Apoio:





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

exercício da escrita surge para as escritoras desde cedo, nos períodos da infância e adolescência. Em seu texto “Escritores criativos e devaneios”, Sigmund Freud<sup>6</sup> propõe o estabelecimento de uma experiência muito forte no presente, despertando no escritor criativo uma lembrança, geralmente de sua infância, da qual vai se originar um desejo que encontra realização na obra criativa. A obra literária, como o devaneio, é uma continuação ou substituto do que foi o brincar infantil<sup>7</sup>.

Para ambas, a escrita aparece como um convite externo, um lugar na cultura que oferece espaço para a palavra. Este espaço que é reconhecido e exposto, tais como a agenda colegial e a oficina para a publicação de um livro. Cabe ressaltar o desempenho da literatura na constituição e construção da subjetividade das autoras. Lírio traz sobre seu desenvolvimento na escrita ter sido acompanhado de referências literárias as quais denomina como fortes e sombrias, marcada por escritores cânones, inicialmente homens. Quando adulta, ela desejou entrar para a faculdade de letras, mas não foi possível:

Quando eu fico mais velha e eu tenho essa restrição em relação ao meu desejo [...] eu engaveto, deixo isso bem escondido, desisto disso, e aí, com os meus 23 anos, eu relembro disso. Porque eu continuo escrevendo em diários, fico fazendo os versos [...] Penso, ah, caramba, gosto de escrever, talvez eu queira ser escritora.

Íris descreve: “O fato de eu ler muito me deu vontade de também escrever [...] Eu tinha uns 16 anos e ganhei um livro [...] eu terminei de ler o livro e pensei, bah, eu quero fazer isso na minha vida. Eu acho que para quem lê muito, o próximo passo é tentar experimentar isso.” Para Ruth Silviano Brandão, “o escritor é, antes de tudo, um leitor”<sup>8</sup>. Nesse sentido, ela afirma que todo leitor faz de sua leitura escritura, logo, sua passagem pelo texto nunca é totalmente passiva, ele participa da autoria e da propriedade de uma obra quando a lê. Brandão<sup>9</sup> evidencia uma dimensão mais visceral na escrita, visto que o autor não escreve a partir de nada, mas a partir de um vazio que habita a estrutura da linguagem e sua própria estrutura.

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v. 9. p. 147–158. [1907].

<sup>7</sup> FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 53–68. [1908].

<sup>8</sup> BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 11.

<sup>9</sup> BRANDÃO, 2006.



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

A exemplo disso, Freud<sup>10</sup> em seu texto “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen” conta a história de Hanold e Gradiva, produzindo uma nova enunciação e modificando o texto enquanto leitor. Recontar uma história é fazê-lo com nova linguagem, novos signficantes, pois é próprio da literatura encenar-se na linguagem<sup>11</sup>.

Através da literatura contemporânea de mulheres, Lírio passa a engajar na sua própria escrita: “Quando eu comecei a ler essas mulheres [...] eu funcionei e fui muito inspirada.” Assim, é necessário haver uma identificação do leitor com aquilo que está escrito. Por sua vez, Íris inicialmente escrevia narrativas. Após finalizar a oficina de escrita ela migrou para a poesia, e passou a ler mais poemas e livros sobre a teoria da escrita. Da mesma forma, ela relata: “Eu fiz uma reparação histórica e passei a ler muito mais mulheres. E aí eu acho que foi quando eu entrei na poesia.” Para Stetina Dacorso<sup>12</sup>, a operação de leitura de um texto pode ser comparada ao sonho manifesto, em que está em jogo a recepção feita por um sujeito que lê. Assim como o prazer de escrever provém de algo interno do escritor, é a mesma relação do escritor com a leitura<sup>13</sup>. Portanto, cada leitura pode construir mais de um sentido que pertence a cada leitor. Neste caso, insere-se a passagem e o marco de leituras de autorias do gênero feminino.

### O processo de escrita: encontro de métodos

Para transmitirem seus textos, as escritoras utilizam-se de lógicas de construção, que dizem propriamente do seu tipo de estilo, um método de escrita. A seguir, serão elucidados os métodos das participantes Lírio e Íris, respectivamente.

#### O método enquanto construção subjetiva

Fomentada pela formulação poética da palavra, Lírio relata aquilo que lhe chamou atenção na poesia: “Acho que foi uma forma de expressar, assim, esse lado sensível. Mas também porque eu sempre curti a forma da poesia [...]. Como a gente diz coisas sem

<sup>10</sup> FREUD, Sigmund. "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-118. [1906-1908].

<sup>11</sup> BRANDÃO, 2006.

<sup>12</sup> DACORSO, Stetina Trani de Meneses. Psicanálise e crítica literária. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 33, p. 147-154, jul. 2010.

<sup>13</sup> DACORSO, 2010.



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

necessariamente dizer. Propriamente o uso de metáforas.” Ela também comenta sobre a estética da poesia: “Pra além de ser um transporte das minhas sensibilidades e não só minhas, né? Acho que tem toda uma atmosfera [...] que às vezes a gente é capturado [...] Tentar traduzir as coisas ao mesmo tempo que eu venero a forma.” Ela traz sobre seu método de criação de uma forma própria de escrever, através de um interesse na tonalidade poética da palavra: “É também uma construção meio matemática [...] Pra mim faz sentido fazer parte dessas construções subjetivas e próprias do sutil, de aspectos, talvez, delirantes.”

Cecília Almeida Salles<sup>14</sup> discute acerca do processo de criação artística, ou seja, o ato criador em sua manifestação na arte, acompanhando a construção da obra. Ao tratar sobre a estética do movimento criador, ela defende que o artista levanta hipóteses e vai testando-as permanentemente, de modo a emoldurar o transitório. Ou seja, é a estética da continuidade que dialoga com a estética do objeto estático, guardada pela obra. É um processo contínuo, permeado pela regressão e progressão infinitas<sup>15</sup>. Pode-se afirmar, portanto, que a criação da obra é um movimento feito de sensações, ações e pensamentos, sofrendo intervenções do consciente e do inconsciente, considerando a condição estética e a função da arte em relação ao sujeito, como a reconstrução fantasmática do autor.

Em “O poeta e o fantasiar”, Freud<sup>16</sup> discute a relação da criação poética com as fantasias, de modo a compará-las com o brincar na infância. Ao trazer que a criança transpõe afeto à sua brincadeira, diferenciando-a da realidade, o poeta seria aquele que renuncia o brincar e o substitui pelo fantasiar. Desse modo, a linguagem mantém a afinidade entre a brincadeira infantil e a criação poética. Sendo a fantasia impulsionada pelo desejo, Freud<sup>17</sup> compara o próprio fazer da criação literária com o sonho diurno, o devaneio, uma continuação e substituição das brincadeiras infantis, atestando a existência de uma elaboração psíquica na escrita. Neste caso, a escrita surge como o resgate do lúdico da infância.

Lírio traz sobre sua escrita estar relacionada aos aspectos sociais, como um motor social, exemplificando através da fórmula de um de seus livros publicados:

<sup>14</sup> SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.

<sup>15</sup> SALLES, 1998.

<sup>16</sup> FREUD, 2016.

<sup>17</sup> FREUD, 2016.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

A história, a localidade [...] Pra além da minha própria angústia [...] É uma colagem de várias coisas que eu escutei, frequentei e senti. Mas é principalmente fruto do meu trabalho no hospital psiquiátrico. [...] Apesar de ter esse aspecto íntimo, a minha escrita, eu ainda tenho também muito dessa doada social, assim, do que eu percebo, do que eu frequento.

Logo, o artista está imerso no momento histórico, social, cultural e científico. Ele não é um ser isolado, mas alguém inserido e afetado pelo seu tempo e seus contemporâneos. Esse tempo e espaço passam a pertencer à obra<sup>18</sup>.

Ao perceber que possui recursos e ferramentas para publicar, Lírio passa a elaborar mais aquilo que denomina como “projetos”, ou seja, o início para desenvolver um método de trabalho. Acerca disso, ela traz:

Tem uma conexão muito forte com os meus sonhos, né. Então tem sonhos que eu pego, escrevo e trabalho com esse material. Então ele vem de uma forma muito suave, muito prazerosa [...] Ou se é um pesadelo, vem como uma angústia, mas daí eu transformo, sei lá, em algum conto ou poema, enfim, variações disso.

Marguerite Duras<sup>19</sup> descreve a escritura como o desconhecido, em meio a total lucidez. Nesse sentido, o processo de escritura se relaciona com o ato de descoberta, descobrir sobre o que se está escrevendo.

Rafael Villari<sup>20</sup> propõe o trabalho inconsciente da escritura em que, na análise do texto, mais precisamente os rascunhos, seria possível encontrar algo semelhante às estruturas do inconsciente, tais como os atos falhos, sonhos, chistes e sintomas. Como se tentasse localizar o sujeito na dúvida, no erro do autor. No entanto, pensar que um texto teria, ele próprio, um inconsciente, é um equívoco<sup>21</sup>. O texto diz na medida em que é lido, e isso convoca a figura do leitor. O leitor é quem possibilita que o texto diga através dele, introduzindo-se nas possibilidades de análise. Desse modo, ele insere o trabalho inconsciente da leitura, visto que é através da leitura que se tem a transmissão do desejo do escritor, ao modo do desejo do

<sup>18</sup> SALLES, 1998.

<sup>19</sup> DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>20</sup> VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 2-7, 2000.

<sup>21</sup> VILLARI, 2000.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

analista. Segundo ele, a leitura é a condutora do desejo de escrever e, nesse sentido, há um gozo na escritura.

Ao tratar sobre o processo do final da escrita de um livro, Lírio descreve:

Tenho que terminar, não quero terminar. Mas eu tenho que terminar. Então eu me sinto ao mesmo tempo muito aliviada porque foi o fim de um ciclo importante, de algo que tá me agregando, ou tá tirando coisas e, enfim, mobilizando. [...] É alívio e ao mesmo tempo uma dúvida, assim. Tipo, é isso mesmo?

Percebe-se aqui uma dicotomia no ato de escrever, a qual revela uma manifestação de prazer e desprazer da escrita. Sabe-se que o artista enfrenta angústias de todas as ordens, como os bloqueios, a reação do público, a busca de disciplina, o desenvolvimento da obra, a primeira versão etc. Ao mesmo tempo, a angústia leva à criação.

Dessa forma, é possível relacionar o fim da escrita como uma operação de reconhecimento de que houve um trabalho. Segundo Marília Moraes<sup>22</sup>, a travessia do autor pela escrita poética guarda semelhanças com a travessia do fantasma do final de análise pelo analisando. Nesse sentido, o ato do psicanalista na sua arte de psicanalisar assemelha-se ao fazer criativo do poeta. A travessia da escrita cria uma nova relação com a linguagem, uma nova rearticulação simbólica do sujeito diante do Real<sup>23</sup>. É nas errâncias dessa travessia, literária e analítica, que se possibilita emergir um sujeito-autor.

### *O método enquanto testemunho da exterioridade*

Em relação ao primeiro livro publicado pela participante Íris, este foi escrito em conjunto com outro escritor porto-alegrense, do tipo livro-correspondência, em que os dois se respondiam através de poemas. O segundo livro publicado Íris escreveu sozinha, e traz sobre como ele surgiu:

Começou numa primeira imagem que eu vi, assim, eu tava caminhando na rua e um carro quase bateu no outro, e sei lá, eles eram de cores meio absurdas [...] as coisas começaram a ficar meio caóticas, assim, na rua, e daí

<sup>22</sup> MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 45-56, 2006.

<sup>23</sup> MORAIS, 2006.



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

eu lembro que eu anotei, e a partir dessa primeira anotação eu escrevi todo o livro.

Íris afirma: "Sempre começa com uma imagem que parece ter potencial poético." Nesse caso, os projetos de escrita da participante se relacionam a um método do qual ela vai testemunhando. Íris compartilha o fato de estar produzindo seu terceiro livro:

Eu acordei muito cedo um dia, tava indo viajar pra Porto Alegre, e eu liguei a televisão [...] um programa de quatro da manhã, assim, sobre curiosidades. E daí uma das curiosidades ele tava falando, sei lá, sobre a guerra no Sri Lanka, e que tinham encontrado, sei lá, muitos campos minados numa praia do Sri Lanka. E daí eu anotei isso, e foi daí que surgiu esse novo livro, que é todo sobre lugares assim, e eu nunca tive no Sri Lanka.

Percebe-se como, para ela, o método de escrita segue uma espécie de exterioridade, de imagens que são recebidas como potenciais, e isto marca o início do seu processo de escrita. Ao abordar o projeto poético, Salles<sup>24</sup> discute a relação do artista com o mundo que o rodeia, registros da inevitável imersão do artista com questões que o envolvem e as suas preferências estéticas.

"A literatura coincide por um instante com nada, imediatamente ela é tudo, o tudo começa a existir", esse excerto destacado por Maurice Blanchot<sup>25</sup> revela o vazio pertencente à literatura, ela é nula, e por isso constitui uma força. Nesse sentido, o escritor pode tudo, visto que, a partir da ficção, ele afirma a sua honestidade<sup>26</sup>. A participante destaca:

Eu sei que as pessoas, algumas sabem separar a literatura da realidade, que aquelas coisas nem todas aconteceram comigo, mas tem gente que não [...] A minha mãe disse assim, ai, não gostei do jeito que tu pintou o teu irmão. Daí eu falei, bom, então tu entendeu, eu só pintei ele desse jeito, não quer dizer que ele seja meu irmão, pode ser que nem tenha um irmão.

Edson Sousa<sup>27</sup> insere que muitos escritores testemunham esta necessidade de se colocar em uma posição de estrangeiro, para que no intervalo criado entre o familiar da língua e o desconhecido de um sujeito produzido pelo texto, um estilo possa se constituir. É uma

<sup>24</sup> SALLES, 1998.

<sup>25</sup> BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 292.

<sup>26</sup> BLANCHOT, 1997.

<sup>27</sup> SOUSA, Edson Luiz André de. O inconsciente e as condições de uma autoria. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 10, p. 225-238, 1999.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

transgressão, portanto, que indica uma responsabilidade, um novo lugar deste autor. No caso de Íris, a possibilidade de ser outra coisa. Para Sousa, uma das funções da escritura seria manter vivo este intervalo, que demonstra uma alteridade necessária na relação com a linguagem. O apagamento da alteridade teria como consequência um empobrecimento da experiência<sup>28</sup>.

Quando questionada sobre a publicação, Íris afirma que sempre pensou em publicar aquilo que escrevia: “Pra além de ser legal, de ser lido pelos outros, publicar é a possibilidade também de guardar, de salvar essas coisas, porque não tá mais só na minha gaveta, agora tá no mundo, e eu não tenho mais como apagar o que fiz.” Atualmente ela publica ano a ano, e traz os efeitos que isso produz em si: “É sempre um susto [...] Eu penso assim, o que é que eu fui fazer? [...] Escrever e publicar é uma grande exposição [...] Publicar é uma grande exposição, por um lado, mas por outro lado, eu acho que é a possibilidade de eternizar algumas coisas.”

O artista é o primeiro receptor da obra, ele é o agente e testemunha do ato criador. A participante afirma: “Escrevo pra publicar, escrevo pra ser lida.” Para Salles<sup>29</sup>, o artista não cumpre sozinho o ato da criação, o próprio processo carrega o futuro diálogo entre o artista e o receptor. Em relação ao final da escrita de um livro, ela descreve: “Ah, é bem ruim [...] eu decidi que terminou, o livro acabou e daí eu fico um tempo sem conseguir escrever.” Ela relata o sentimento de luto que surge com o final da escrita: “Tanto tempo pensando só naquilo [...] é todo dia pensando, anotando coisas, e daí quanto o livro tá pronto, eu digo, tá, e agora, o que eu faço? Eu perdi o meu... O que eu tinha pra fazer.”

É possível considerar uma repetição levantada tanto por Lírio quanto por Íris, da angústia ao se deparar com o término de um livro. Ainda assim, há singularidades em cada processo de um mesmo artista, pois o movimento criador nunca se desenvolve exatamente do mesmo modo. De acordo com Salles, o artista lida com sua obra em estado de permanente inacabamento. A autora defende a existência de um valor dinâmico no inacabado, na medida em que este gera a construção de uma obra específica, além de outras obras em uma cadeia

<sup>28</sup> SOUSA, 1999.

<sup>29</sup> SALLES, 1998.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

infinita<sup>30</sup>. Dessa forma, foram destacadas as singularidades do processo de criação para as duas entrevistadas, e o modo como isso reflete nas mesmas.

### **A função da escrita literária como criação de si e do mundo**

Essa categoria discute e analisa os efeitos produzidos pela escrita nas mulheres na percepção das escritoras. Ao ser interrogada sobre o significado da escrita para si, Lírio descreve:

Significa o endereçamento da minha liberdade [...] eu sinto que eu consigo dizer coisas, né, transcrever coisas que são muito íntimas e que, em conversas, eu não consigo [...] Essa matéria entusiástica assim né, de colocar pra fora. Mas também é um ato de comunicação [...] me vem como um aspecto mediúnico também, a minha escrita [...] Principalmente de autoexpressão, assim, né, como a gente se traduz.

Segundo Jean-Pierre Lebrun<sup>31</sup>, um dizer não se reduzirá jamais a um dito. A falha, o vazio de onde se autoriza a dizer algo, não será nunca inteiramente saturado pelo saber. Assim, a escrita vem para inscrever o furo sem se basear em outra coisa além dela mesma, ela vai testemunhar o trabalho de enunciação sem se basear num outro como enunciador<sup>32</sup>. Por sua vez, Lúcia Castello Branco<sup>33</sup> reflete acerca do ato só de escrever, o qual marca uma temporalidade na escrita, como uma anterioridade que se realiza, sempre num depois.

Pode-se pensar que o “ato só de escrever” convoca uma memória fundada menos no acúmulo de um passado, expandida a um eterno recomeço a que o ato mesmo lança o sujeito<sup>34</sup>. Nesse sentido, o ato convoca o esquecimento, a invenção. Ele borda este vazio que só a letra é capaz de sustentar. Para Jacques Lacan<sup>35</sup>, o ato em si está sempre em relação a um começo, e o conceito de letra, por sua vez, desenha a borda do furo do saber. A escrita é

<sup>30</sup> SALLES, 1998.

<sup>31</sup> LEBRUN, Jean-Pierre. Escrever como sintoma. Tradução e apresentação de Paulo Sérgio de Souza Jr. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 5, p. 103-114, 2010.

<sup>32</sup> LEBRUN, 2010.

<sup>33</sup> CASTELLO BRANCO, Lucia. O ato só de escrever. In: LEITE, Nina Virginia; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo (Orgs.). *EntreAto: o poético e o analítico*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 273-282.

<sup>34</sup> CASTELLO BRANCO, 2011.

<sup>35</sup> LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. p. 371-382. [1967-1968].



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

a inscrição do simbólico no real, em que o sujeito, ao escrever, pode se posicionar em um outro lugar.

Ana Costa<sup>36</sup> estabelece o trabalho sobre as bordas da psicanálise no campo da literatura, nomeadas por ela como “litorais”, e constrói relações através da questão da escrita. Por meio das proposições de Lacan<sup>37</sup> em seu texto “Lituraterra”, passa-se a pensar a inscrição da letra nos diferentes campos de saber produzidos pela cultura. Nesse sentido, a letra se apresenta como condição de resto e a tentativa de inscrição<sup>38</sup>. A inscrição aparece como dificuldade, pois ela diz respeito à necessidade de transmitir uma experiência que é, a princípio, intransmissível. Ou seja, existe uma condição em que a escrita é o primeiro corporal e faz parte das experiências mais comuns. Aqui, o corpo entendido como o corpo pulsional que se constitui na relação pelo investimento libidinal do Outro, ou seja, de um desejo que investe o sujeito. O sujeito se cumpre ao transferir suas múltiplas possibilidades de existência para a escrita, e por isso a escrita é o que resta do sujeito, como aquilo que o funda.

Enquanto está escrevendo, Lírio descreve: “Me sinto em casa, sinto que eu tô numa conversa muito honesta comigo mesma [...] sinto que a escrita, ela me conecta, ela me põe de volta, né. É algo que me tira, é... Desses repetições.” Quando questionada se a escrita cumpre um papel, ela responde: “Talvez o papel [...] Me sinto apropriada, fazendo o que pra mim faz sentido fazer.” Ela destaca a palavra “sentidos” ao se referir à sua escrita. Freud<sup>39</sup>, em “Recordar, repetir e elaborar”, insere que aquilo que não é possível de se fazer representar retorna em ato, neste caso, o ato da escrita. É possível destacar como, para Lírio, a escrita ocupa um lugar de intimidade e ao mesmo tempo de algo desconhecido, sendo esta a sua tentativa de se traduzir, uma forma de constituição subjetiva.

Para Íris, a escrita ocupa lugar de organização:

Escrever foi a maneira que eu encontrei de organizar as coisas que eu penso e as coisas que eu sinto. Então, foi o jeito que eu consegui organizar o modo

<sup>36</sup> COSTA, Ana. Litorais da psicanálise. *Psicologia & sociedade*, Porto Alegre, v. 21, p. 26-30, 2009.

<sup>37</sup> LACAN, Jacques. Lituraterra. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. p. 15-28.

<sup>38</sup> COSTA, 2009.

<sup>39</sup> FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12. p. 165–171. [1914].



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

como eu vejo o mundo, o jeito que as coisas mexem comigo, o jeito que eu olho para as coisas [...] organizar o meu jeito de... A minha existência.

Elá cita sobre sua escrita ter um poder de ser outra coisa: “Extrapolar [...] a imagem e até o limite que uma imagem pode dar, mudar o nome das coisas [...] até temas que me possibilitam ser outra coisa, que não eu, por um momento.” Segundo Castello Branco<sup>40</sup>, o espaço de criação muitas vezes não busca a interpretação, mas sim a inscrição, sendo a linguagem articulada na dimensão do imaginário. É no seio da linguagem que o texto se revela e se constrói como possibilidade de produção do desejo<sup>41</sup>.

De acordo com Sousa<sup>42</sup>, o lugar de onde provém o escrito implica um distanciamento, uma desfamiliarização daquele que escreve. Logo, o sujeito não é anterior, mas se produz no ato mesmo de sua produção. Michel Foucault<sup>43</sup> aponta a escrita não como uma amarração do sujeito na linguagem, mas como a abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. À vista disso, é possível pensar as considerações de Jeanne Marie Gagnebin<sup>44</sup> sobre a transmissão da escrita, a qual representa um rito de sepultamento. Ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso, e aquilo que se escreve consegue-se esquecer. Por outro lado, a função simbolizadora da escrita autoriza à sociedade situar-se, permitindo, segundo a autora, um passado na linguagem e abrindo espaço para o presente. A escrita não fala de um passado senão para enterrá-lo<sup>45</sup>. Assim, a escrita surge como forma de se inscrever na linha de uma transmissão.

O trabalho de reconhecimento dos atos de escrita também está implicado nos efeitos produzidos. Sobre a publicação, Lírio relata: “Não é confortável [...] me sinto exposta, é difícil. Ao mesmo tempo sinto uma realização.” Íris também traz o fator da exposição ao publicar um livro: “As pessoas fazem, sei lá, resenhas, chamam pra falar em lugares, tem um lançamento que é muito legal [...], mas a primeiríssima sensação é essa [...] eu fiz uma grande exposição,

<sup>40</sup> CASTELLO BRANCO, Lúcia. *Literaterras: as bordas do corpo literário*. Santos, SP: Annablume, 1995. p. 55.

<sup>41</sup> CASTELLO BRANCO, 1995.

<sup>42</sup> SOUSA, 1999.

<sup>43</sup> FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética – Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. [1969].

<sup>44</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. Escrita, morte e transmissão. In: SCOTT, Sérgio et al. (Org.). *Escrita e psicanálise II*. Curitiba: Editora CRV, 2010.

<sup>45</sup> GAGNEBIN, 2010.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

onde que eu tava com a minha cabeça quando eu resolvi me expor desse jeito? [...]." Ela ressalta a oposição em publicar: "Escrever é uma possibilidade de eu me esconder na linguagem, é uma possibilidade de eu ser outra coisa e ao mesmo tempo é essa grande exposição."

Conforme Sousa<sup>46</sup>, o método aponta um movimento de descentramento subjetivo necessário para a produção de um novo sujeito no texto. A publicação traz algo de mortífero ao sujeito, visto que aparece como uma vergonha. Para Gagnebin<sup>47</sup> a escrita é um túmulo no duplo sentido de que, através do mesmo texto, é capaz de honrar e eliminar. Desse modo, ao representar o movimento de enterrar para esquecer, a escrita pode ser um ato de nascimento ou renascimento, num lugar único possível para o sujeito. Neste caso, a possibilidade de ser outra coisa para Íris, que diz respeito à própria função da arte. Aqui é possível retomar Brandão e a existência de uma vida escrita, onde o sujeito se inscreve de forma a constituir-se no lugar mesmo de sua escrita. Esse processo contínuo e repetitivo, mas vitalizante, pois o sujeito sabe que no cerne da linguagem há uma falha, uma falta que lhe confere a possibilidade de desejar e mudar de posição na criação de sua vida escrita<sup>48</sup>.

### **A escrita como um trabalho com a palavra**

Acerca dos conteúdos que as entrevistadas trazem, tem-se um aspecto significativo e comum às participantes: o lugar da escrita como um trabalho. Lírio descreve:

Eu considero um nível realmente profundo e de trabalho laboral, né. Então o que significa escrever pra mim, no dia de hoje [...] Trabalho. Pra mim, a escrita é um trabalho. Eu considero que eu sou uma trabalhadora do texto assim, pra além da literatura, tem outros textos que eu trabalho.

Enquanto está escrevendo, Lírio também traz esse aspecto em seu relato: "Sinto que eu tô trabalhando, e tô fazendo algo que faz sentido com o meu propósito." Íris também relata esse fator: "É trabalho técnico [...] eu sinto bem como trabalho [...] é sentar e organizar o que eu sei de técnica [...] e fazer o que eu acho que eu sei fazer." A escritora ressalta:

<sup>46</sup> SOUSA, 1999.

<sup>47</sup> GAGNEBIN, 2010.

<sup>48</sup> BRANDÃO, 2006.



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

Parece que fica nessa posição de não ser trabalho, porque parece que envolve a imaginação [...] desde quando eu comecei a escrever eu sei que ele vai ser publicado. Porque eu tenho um contrato com a editora, mas enquanto eu tô escrevendo, eu não penso na publicação, mas ele tá sendo escrito pra ser publicado.

Isso demonstra como, para Íris, a escrita revela algo do lúdico, da possibilidade de ser outra coisa, mas que apesar disso, ainda é sentido como um trabalho.

O escritor literário está inserido na sociedade do trabalho, em que os sujeitos são definidos valorativamente pelo trabalho assalariado que possuem, apesar de o escritor raramente receber um salário pelo seu trabalho. O escritor utiliza-se da arte para o seu trabalho, e o fazer do artista é escrever literatura e seus modos de produção de subjetivação a partir dessa atividade laboral. Isso evidencia a responsabilidade do escritor na contribuição e construção do espaço imaginário por meio das palavras.

Íris denuncia o lugar ocupado por esta profissão no país: "A profissão escritora, ela tem toda essa coisa de que não dá pra ser só escritor no Brasil. Até saiu uma matéria esses dias no jornal de Porto Alegre que 94% dos escritores gaúchos têm que trabalhar com outra coisa pra poder escrever." Isso revela a gravidade do lugar e a pouca valorização da arte no Brasil. De acordo com Kátia Macêdo<sup>49</sup>, o reconhecimento do trabalho artístico só teve mais visibilidade quando o artista passou a ser associado à sua criação. Antes, era comum que o trabalho permanecesse no anonimato, ou fosse desvalorizado, por não caracterizar um trabalho produtivo no mundo da normalidade econômica do capital<sup>50</sup>.

Com o tempo, o trabalho de criação literária passou a ser relevante na constituição da identidade profissional do escritor. Logo, a identidade é um processo construído ao longo do tempo, dos trabalhos literários e do reconhecimento pelo público. Acerca disso, Foucault<sup>51</sup> relaciona três papéis presentes na literatura: o escritor, que cria; o autor, que publica; o leitor, que lê e se torna a voz do escritor. Pode-se afirmar, portanto, que o trabalho da escrita associa-se a um tempo depois, ou seja, após a publicação, quando o escritor se torna um autor.

<sup>49</sup> MACÉDO, Kátia Barbosa. *O trabalho de quem faz arte e diverte os outros*. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

<sup>50</sup> MACÉDO, 2010.

<sup>51</sup> FOUCAULT, 2006.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

A partir das colocações trazidas pelas escritoras, nota-se como a dimensão do trabalho é produtora de sentido àqueles que escrevem, carregando vivências de prazer e desprazer, bem como exposto na categoria anterior sobre a função da escrita. Dessa forma, esta categoria do trabalho não se esgota em si mesma. Ela demonstra como o sujeito se constitui com o mundo, estabelecendo e criando laços de identidade individual, ao mesmo tempo que se expande ao coletivo e ao tecido social.

### **O desejo de visibilidade das escritoras**

Essa categoria surge a partir de uma problemática levantada pelas próprias escritoras durante as entrevistas, no que diz respeito à visibilidade de mulheres escritoras, expondo as questões relativas ao gênero presentes na literatura e na escrita. Ao final da entrevista com a participante Lírio, foi aberto um espaço para possíveis dúvidas, e a mesma levantou a seguinte questão: “Talvez seja importante dizer que tais e tais pessoas participaram da pesquisa, tais escritoras, enfim. Pra também ter um caráter de autoria.” É importante ressaltar que essa sugestão de Lírio não se relaciona à exposição dos dados pessoais, tendo em vista o caráter ético e a garantia de sigilo da pesquisa, mas sim ao levantamento do perfil das entrevistadas.

Dessa forma, a participante fomenta a reflexão sobre a autoria, de modo a pensar na conexão e criação de redes entre as autoras. Ao final da entrevista com Íris, a mesma também questionou: “Eu fiquei curiosa [...] Tu pode falar quem são as escritoras ou não? [...].” Percebe-se, assim, o desejo de compartilhamento entre as mulheres que escrevem, essa característica de criar redes de contato e apoio de seus trabalhos. Esse levantamento das participantes culminou na elaboração de um segundo Termo de Consentimento, a respeito da autorização do compartilhamento de autorias entre as duas participantes. Este documento foi elaborado e formalizado posteriormente às entrevistas, além de serem dispostos para que as entrevistadas o assinassem.

Foi a partir da leitura de autoras da literatura que as entrevistadas passaram a se engajar mais no seu próprio processo de criação literária. Cláudia Castanheira<sup>52</sup> traz considerações acerca da trajetória de autorias literárias femininas no Brasil. Segundo ela, a inserção de mulheres no cenário literário nacional deparou-se com impositivos ideológicos,

<sup>52</sup> CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-36, 2011.



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

econômicos e culturais, prevalecendo o pensamento de que as mulheres eram intelectualmente inferiores aos homens. Por meio de processos lentos e árduos, as mulheres foram rompendo estas ideias e reivindicando a sua liberdade criativa, através da publicação de textos. Somente mais ao final do século XX foi possível o contato com obras que revelavam a intensa participação feminina nas letras. Foi o primeiro movimento feminista, na segunda metade do século XIX, que ajudou a disseminar a escrita da mulher no Brasil<sup>53</sup>.

Nesse sentido, a mulher precisou – e precisa – redefinir o seu lugar como sujeito cultural, antes de definir o seu lugar como escritora. É necessário lutar continuamente contra os estereótipos literários empobrecedores do papel da mulher. Mesmo que as mulheres escrevessem e tivessem o desejo de participar mais ativamente da vida pública, as escritoras eram tratadas com descrédito em relação aos homens. Nas décadas de 1970 e 1980, o corpo representativo da literatura de autoria feminina no Brasil reivindica e conquista revoluções culturais, fazendo surgir uma literatura característica da reconstrução identitária da mulher<sup>54</sup>, que sente a urgência de recriar a própria história.

Contudo, a urgência de liberdade é sentida como fragmentação de sua subjetividade e, segundo Castanheira<sup>55</sup>, divide-se entre a irrupção de novos clamores e as amarras da pressão falocêntrica. Íris relata essas questões: “É bem mais difícil, não só ser escritora [...] Pra todas as coisas da vida é muito mais difícil ser mulher [...] Ser escritora não basta ser escritora, sabe? Tem que ser genial.” Essa “genialidade” citada pela entrevistada reflete a necessidade de reafirmação das mulheres sobre o seu lugar, um lugar conquistado historicamente a partir de muita luta, e que precisa ser lutado constantemente. Isso também aparece no discurso de Lírio: “A gente tá falando de construção de literatura [...] Mas tem muita questão da invisibilidade das mulheres, ainda, na literatura. Claro, de uns dez anos pra cá isso muda bastante, né, a gente tá num contexto ainda bem literário político.”

Muitas mulheres se policiam quanto à contenção do seu desejo, ou vivem sob os impositivos do sentimento de culpa, proveniente da ousadia de desafiar a censura do cânone, na tentativa de se libertarem dos papéis que lhes foram impostos. Para Castanheira<sup>56</sup>, é a

<sup>53</sup> CASTANHEIRA, 2011.

<sup>54</sup> CASTANHEIRA, 2011.

<sup>55</sup> CASTANHEIRA, 2011.

<sup>56</sup> CASTANHEIRA, 2011.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

partir dos anos 1990 que a ruptura com a tradição se torna mais perceptível e expressiva, através do trabalho de desconstrução dos cânones sociais. Essa ruptura age como impulso inovador e reivindicatório, sendo significativa para o modo de se veicular discursivamente, fora das margens do discurso patriarcal, e relacionada às demandas das autoras na contemporaneidade.

É possível destacar, por fim, a escritora Virginia Woolf e a necessidade de se haver um teto todo das mulheres, tendo em vista a sua época como uma dificuldade de visualizar o mundo frente a frente e recriá-lo. Em seu ensaio “Um teto todo seu”, Woolf<sup>57</sup> reflete as condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina. Essa posição ocupada pela mulher no laço social como dificultosa para a livre expressão, e as tentativas de uma escrita sem sujeição, que deveria ser considerada, denunciam o lugar ocupado historicamente pelas escritoras. Reconhecer-se na literatura é compreender as diferentes camadas de constituir-se enquanto sujeito, um sujeito de direito e urgência, numa pluralidade possível de ser e manifestar-se como mulher.

### CONCLUSÃO

Este artigo traçou as relações possíveis entre os temas da escrita e da subjetividade, através dos relatos trazidos pela participante Lírio sobre o seu encontro com a escrita, pode-se pensar a potência da imprensa escolar na formação de novos escritores, uma vez que o campo educacional é capaz de fomentar a produção literária em crianças e adolescentes, valendo-se como um dispositivo no incentivo à literatura. Da mesma forma, o discurso da participante Íris sobre seu encontro com a escritura demonstra a relevância do fomento a novos projetos que se articulem à escrita literária nos seus mais diversos aspectos. Seja por meio das escolas de escritores, laboratórios de escrita, letramento literário e a própria formação do laço social para os jovens, visando não somente escritores, mas também leitores, construindo saberes e sensibilidades.

O trabalho apresenta uma importante reflexão sobre as questões relativas ao gênero na literatura. Durante o percurso da pesquisa, as próprias entrevistadas levantaram aspectos políticos e sociais, de modo a criticar o silenciamento e submissão histórica das escritoras ao

<sup>57</sup> WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Antofágica, 2022. [1929].





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

longo das décadas. Em contrapartida, o cenário contemporâneo permite às escritoras reorientarem suas práticas de leituras, traçando mudanças significativas na sua escrita literária e estabelecendo formas variáveis de subjetivação, em que a escritora pode se ultrapassar, transgredir e elaborar, tal como aponta Corrêa<sup>58</sup>, sendo esta a forma de inscrever-se psiquicamente e fora dos limites sócio-históricamente determinados. Ainda assim, ressalta-se a escrita como possibilidade de dar forma ao corpo, à sexualidade e às palavras, visto que só a escrita cria margens<sup>59</sup>.

A discussão sobre os temas da escrita e da subjetividade é vasta e perpassa muitos campos transversais, não somente na área da psicologia e psicanálise, mas também da ciência, da arte, da literatura e das letras. Portanto, é também legítima e aberta a futuras ampliações. Os resultados evidenciaram a possibilidade de articulação entre generalizações e estudos singulares sobre o tema. Ressalta-se que não existe uma escrita feminina, mas sim subjetividades femininas. Essas subjetividades não surgem de forma natural, intrínseca, mas a partir de construções discursivas, sociais e culturais, que definem o gênero feminino e agem diretamente na vivência das mulheres. Nota-se, assim, a relevância do papel da escrita no processo de reposicionamento subjetivo das mulheres.

Conforme Brandão<sup>60</sup>, o papel da fantasia inconsciente, presente na ficção e na escrita literária, surge como elaboração secundária para trabalhar de forma consciente com a palavra. Assim, ao conferir a possibilidade de desejar, as escritoras podem mudar de posição na criação de sua vida escrita. O texto literário, como aponta Castello Branco<sup>61</sup> é o lugar da confluência de reflexos, complexo de espelhos que refletem outros espelhos. Dessa forma, o silêncio surge como possibilidade derradeira da palavra. A isso, Blanchot<sup>62</sup> alega: o que pretende a escrita? Libertar-nos do que é.

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

<sup>58</sup> CORRÊA, 2009.

<sup>59</sup> BRANDÃO, 2006.

<sup>60</sup> BRANDÃO, 2006.

<sup>61</sup> CASTELLO BRANCO, 1995.

<sup>62</sup> BLANCHOT, 1997.



# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

CASTANHEIRA, Cláudia. Escritoras brasileiras: momentos-chave de uma trajetória. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 9, p. 25-36, 2011.

CASTELLO BRANCO, Lúcia. *Literaterras: as bordas do corpo literário*. Santos, SP: Annablume, 1995.

CASTELLO BRANCO, Lucia. O ato só de escrever. In: LEITE, Nina Virginia; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo (Orgs.). *EntreAto: o poético e o analítico*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 273-282.

CORRÊA, Maria Celeste Arantes. *A leitura e a escrita no silêncio das mulheres: uma intersecção entre psicanálise e cultura*. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COSTA, Ana. Litorais da psicanálise. *Psicologia & sociedade*, Porto Alegre, v. 21, p. 26-30, 2009.

DACORSO, Stetina Trani de Meneses. Psicanálise e crítica literária. *Estudos de Psicanálise*, Aracaju, n. 33, p. 147-154, jul. 2010.

DE BEAUVIOR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. [1949].

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. *Estética – Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. [1969].

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v. 9. p. 147–158. [1907].

FREUD, Sigmund. "Gradiva" de Jensen e outros trabalhos. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-118. [1906-1908].

FREUD, Sigmund. O poeta e o fantasiar. In: FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 53–68. [1908].

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. 12. p. 165–171. [1914].

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Escrita, morte e transmissão. In: SCOTT, Sérgio et al. (Org.). *Escrita e psicanálise II*. Curitiba: Editora CRV, 2010.





# IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

## TERRA + PÃO + PAZ

LACAN, Jacques. Litraterra. In: LACAN, Jacques. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b. p. 15-28.

LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In: LACAN, Jacques. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a. p. 371-382. [1967-1968].

LEBRUN, Jean-Pierre. Escrever como sintoma. Tradução e apresentação de Paulo Sérgio de Souza Jr. *Revista Criação & Crítica*, São Paulo, n. 5, p. 103-114, 2010.

MACÊDO, Kátia Barbosa. *O trabalho de quem faz arte e diverte os outros*. Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 45-56, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Annablume, 1998.

SOUZA, Edson Luiz André de. O inconsciente e as condições de uma autoria. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 10, p. 225-238, 1999.

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: ciência e profissão*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 2-7, 2000.

WOOLF, Virginia. *Mulheres e ficção*. São Paulo: Penguin-Companhia, 2019. [1929].

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Antofágica, 2022. [1929].

